



O conceito de gramática nas *Investigações Filosóficas* de Ludwig Wittgenstein

Ricardo Peraça Cavassane¹
PIBIC/CNPq

Resumo:

Nas observações acerca da linguagem tecidas por Wittgenstein, especificamente em sua obra *Investigações Filosóficas*, o conceito de gramática (assim como o de forma de vida e o de jogo de linguagem) é de fundamental importância. Assim, tendo este conceito como fio condutor pretendemos, no presente trabalho, clarificar tais observações. Antes disso se faz necessário, no entanto, apresentar, mesmo que brevemente, a crítica de Wittgenstein à teoria tradicional do significado linguístico, a saber, a teoria referencial do significado, pois é apenas em contraposição a tal teoria que se pode compreender o verdadeiro sentido dessas observações tecidas pelo filósofo vienense, que segundo ele próprio, não se pode chamar de uma “teoria do significado linguístico” nem de uma “filosofia da linguagem”. A análise do conceito de gramática nos auxiliará, deste modo, na compreensão tanto do que Wittgenstein entende por linguagem, quanto da sua concepção de filosofia, que lhe permite declarar que o que ele faz, nas *Investigações*, não é criar “teorias”.

Palavras-chave: Wittgenstein. Gramática. Jogos de linguagem. Forma de vida. Filosofia.

Abstract:

In the remarks about language woven by Wittgenstein, specifically in his work *Philosophical Investigations*, the concept of grammar (as well as form of life and language game) is of fundamental importance. Thus, having this concept as a conducting wire we intend on, in this work, clarifying such remarks. Before that is necessary, however, presenting, even if briefly, Wittgenstein’s critique to the traditional theory of linguistic meaning, that is, the referential theory of meaning, because it is only in contraposition to such theory that someone may comprehend the real meaning of this remarks made by the viennese phylosopher, that according to himself, may not be called a “theory of the linguistic meaning” nor a “phylosophy of language”. The analysis of the concept of grammar will help us, thereby, in the comprehension of both what Wittgenstein understands as language, and his conception of philosophy, that allows him to declare that what he does, in the *Investigations*, is not to create “theories”.

Keywords: Wittgenstein. Grammar. Language games. Life form. Philosophy.

* * *

¹ Graduando em Filosofia pela Universidade Estadual Paulista – UNESP - Campus de Marília. Orientador: Prof. Dra. Clélia Aparecida Martins. Email: ricardo.peraça@gmail.com.



Introdução

Como se sabe, Wittgenstein produziu duas filosofias distintas, que podem ser representadas, cada uma delas, por uma obra capital: a primeira, pelo *Tractatus Logico-Philosophicus*; a segunda, pelas *Investigações Filosóficas*. Boa parte desta última obra é dedicada à crítica do *Tractatus* e da tradição filosófica a qual Wittgenstein estava consoante na sua primeira fase, e é a partir desta crítica que ele tece suas novas concepções de linguagem e filosofia, que sempre foram seus principais objetos de pesquisa – sendo a investigação acerca da linguagem, como veremos, a base para todas as outras considerações do filósofo.

No presente texto, pretendemos elucidar a natureza desta crítica do segundo Wittgenstein à sua primeira filosofia e à tradição filosófica no que diz respeito à teoria referencial do significado, bem como indicar como a formulação de tal crítica introduz os principais conceitos constituintes das observações acerca da linguagem do segundo Wittgenstein, a saber, o de forma de vida, o de jogo de linguagem e o de gramática. Dentre tais conceitos este último será o foco de análise deste trabalho, visto que ele aponta para 1) a posição central da linguagem na filosofia do segundo Wittgenstein e para 2) sua nova concepção de filosofia.

A crítica à teoria referencial do significado

A teoria referencial do significado consiste numa determinada visão da linguagem que o segundo Wittgenstein resume na seguinte fórmula: “[...] as palavras da linguagem denominam objetos – frases são ligações de tais denominações” (WITTGENSTEIN, 1999, p. 27). Esta visão é predominante na tradição filosófica: para a maioria dos filósofos, uma palavra possui significado se a ela corresponde um objeto (muito embora, entre estes mesmos filósofos, nem sempre haja concordância quanto à natureza dos objetos aos quais a linguagem se refere). Boa parte das *Investigações* é destinada a criticar esta teoria, e demonstrar que ela é insuficiente para explicar a totalidade dos fenômenos linguísticos. Isso se dá em virtude de, segundo Wittgenstein, não ser possível reduzir todas as palavras a nomes. Ele abre as *Investigações* com uma citação de Santo Agostinho que exemplifica bem como os filósofos costumam reduzir



as palavras aos substantivos, talvez por uma certa infelicidade na escolha dos exemplos, e então observa:

Santo Agostinho não fala de uma diferença entre espécies de palavras [...] pensa, pelo menos acredito, primeiramente em substantivos tais como ‘mesa’, ‘cadeira’, ‘pão’, em nomes de pessoas, e apenas em segundo lugar em nomes de certas atividades e qualidades, e nas restantes espécies de palavras como algo que se terminará por encontrar (WITTGENSTEIN, 1999, p. 27).

Wittgenstein demonstra, por meio de outros exemplos, que nem todas as palavras – a menor parte delas, na verdade – são nomes de objetos, e que se confunde o significado dos nomes com seus portadores. E é num destes exemplos que aparece pela primeira vez o conceito de uso, que posteriormente fará parte de sua nova teoria da linguagem:

Pense agora no seguinte emprego da linguagem: mando alguém fazer compras. Dou-lhe um pedaço de papel, no qual estão os signos: ‘cinco maçãs vermelhas’. Ele leva o papel ao negociante; este abre o caixote sobre o qual encontra-se o signo ‘maçãs’; depois, procura numa tabela a palavra ‘vermelho’ e encontra na frente desta um modelo da cor; a seguir, enuncia a série dos numerais – suponho que a saiba de cor – até a palavra ‘cinco’ e a cada numeral tira do caixote uma maçã da cor do modelo. – Assim, e de modo semelhante, se opera com palavras. – ‘Mas como ele sabe onde e como procurar a palavra ‘vermelho’, e o que vai fazer com a palavra ‘cinco’?’ Ora, suponho que ele *aja* como eu descrevi. [...] Mas qual é a significação da palavra ‘cinco’? De tal significação nada foi falado aqui; apenas, de como a palavra ‘cinco’ é usada (WITTGENSTEIN, 1999, p. 28).

Este feliz exemplo de Wittgenstein demonstra bem os limites da teoria referencial do significado – exposto quando tal teoria é pensada no contexto do cotidiano –, que se mostra ser, ao mesmo tempo, tanto uma representação primitiva do funcionamento da linguagem, quanto a representação de uma linguagem primitiva. A pergunta final, sobre a significação da palavra “cinco”, é feita assumindo-se tal teoria; na verdade é pergunta pelo objeto ao qual a palavra se referiria. Como bem nota Fann:

Tal pergunta tem sentido tão somente quando se supõe que a palavra ‘cinco’ desempenha a mesma função (ou pertence à mesma categoria) que ‘maçãs’ e ‘vermelho’ [...] A tendência a perguntar pelo *significado* de uma palavra, inclusive quando seu *uso* está



perfeitamente claro, surge do ‘conceito filosófico de significado’ que ‘repousa em uma idéia primitiva acerca de como funciona a linguagem’ (FANN, 1999, p. 85-86, tradução nossa).

Aquilo que define melhor o significado de uma palavra é seu uso (ao invés do objeto a que ela se refere) – embora em alguns casos a sua referência ajude a elucidá-lo. Aqui vemos, portanto, a primeira indicação da tese wittgensteiniana que identificará significado e uso. Wittgenstein continua sua argumentação contra a teoria referencial do significado com a crítica àquilo que ele chama de definição ostensiva, que nada mais é do que a elucidação do significado de uma palavra apontando para seu portador:

Intimamente conectada com a concepção agostiniana da linguagem está a opinião de que a definição ‘ostensiva’ é o ato fundamental pelo qual se dá significado a uma palavra. Geralmente se supõe que a explicação do significado de uma palavra se divide toscamente em definições verbais e ostensivas. A definição verbal, enquanto que nos leva de uma explicação verbal a outra, de modo algum nos permite avançar. Por conseguinte, todo aprendizado do significado depende em última instância da definição ostensiva, que estabelece uma relação direta entre o significado e a palavra (FANN, 1999, p. 86-87, tradução nossa).

Wittgenstein concorda que a ostensão é importante no aprendizado das palavras, mas não enquanto definição ostensiva, e sim enquanto ensino ostensivo, como ele próprio deixa claro: “Tais formas primitivas da linguagem [Wittgenstein se refere à designação de objetos, R.P.C.] emprega a criança, quando aprende a falar. O ensino da linguagem não é aqui nenhuma explicação, mas sim um treinamento” (WITTGENSTEIN 1999, p. 29). A criança é, portanto, treinada para associar uma palavra a um objeto, mas não se trata de uma definição do objeto, haja vista a criança ainda não poder perguntar sobre a denominação. Além do fato de que nem todas as palavras se referem a objetos – o que já invalida por si só a definição ostensiva enquanto ato capaz de definir qualquer palavra –, a definição ostensiva só pode ser compreendida em um contexto, ela não é determinada. Se alguém aponta para um objeto e diz uma palavra, como saber se a palavra se refere ao próprio objeto ou à sua cor, sua forma, sua quantidade, etc.? Nas palavras de Wittgenstein (1999, p. 38): “Poder-se ia, pois, dizer: a definição ostensiva elucida o uso – a significação – da palavra, quando já é claro qual papel a palavra deve desempenhar na linguagem.” ou, como Wittgenstein disse um



pouco antes, “[...] em qual *lugar* da linguagem, da gramática, colocamos a palavra [...]” (1999, p. 37). Assim, mesmo a definição ostensiva pressupõe o uso – algo que já havia sido colocado por Wittgenstein no exemplo da frase “cinco maçãs vermelhas”: como o vendedor pode ser capaz de procurar a palavra “vermelho” numa tabela de cores, se já não soubesse que se trata do nome de uma cor?

A teoria do significado do segundo Wittgenstein

Já que a designação de objetos não é a única função das palavras, como Wittgenstein demonstra em sua crítica ao referencialismo, quais são então suas funções? Wittgenstein responde essa pergunta dizendo que não é possível estabelecer definitivamente quais são as funções das palavras. A esse respeito a seguinte analogia é bastante oportuna:

Pense nas ferramentas em sua caixa apropriada: lá estão um martelo, uma tenaz, uma serra, uma chave de fenda, um metro, um vidro de cola, cola, pregos e parafusos. – Assim como são diferentes as funções destes objetos, assim são diferentes as funções das palavras (e há semelhanças aqui e ali) (WITTGENSTEIN, 1999, p. 31).

E mais adiante, ele diz:

Quantas espécies de frases existem? Afirmação, pergunta e comando, talvez? Há inúmeras de tais espécies: inúmeras espécies de emprego daquilo que chamamos de ‘signo’, ‘palavras’, ‘frases’. E essa pluralidade não é nada fixa, um dado para sempre; mas novos tipos de linguagem, novos jogos de linguagem, como poderíamos dizer nascem e outros envelhecem e são esquecidos (WITTGENSTEIN, 1999, p. 35).

Para o segundo Wittgenstein, portanto, aquilo que define melhor o significado de uma palavra é seu uso – ao invés do objeto a que ela se refere –, ou seja, sua função na práxis da linguagem. Muito embora Wittgenstein tenha se negado a elaborar quaisquer teorias nas *Investigações*, é possível encontrar nesta obra uma teoria do significado que chamaremos de pragmática, pois pretende descrever a realidade fática da linguagem em sua ampla variedade de manifestações, ao invés de, como no caso do *Tractatus*, tentar fundamentar a linguagem reduzindo-a aos enunciados empíricos. Esta teoria da



linguagem pode ser explicada mediante três conceitos-chave: “forma de vida”, “jogo de linguagem” e “gramática”, e está resumida no seguinte aforismo:

Pode-se, para uma *grande* classe de casos de utilização da palavra ‘significação’ – se não para *todos* os casos de sua utilização –, explicá-la assim: a significação de uma palavra é seu uso na linguagem. E a significação de um nome elucidada-se muitas vezes apontando para o seu portador (WITTGENSTEIN, 1999, p. 28).

Cabe notar que Wittgenstein considera tal definição da palavra “significação” não válida para todos os casos de sua utilização, pois, caso contrário, ele estaria absolutizando o significado da palavra, algo que seria incoerente com a sua filosofia, como nota Stegmüller (1976).

Forma de vida

Por “forma de vida” (em alemão *Lebensform*), Wittgenstein entende não somente o âmbito do cultural como também o do natural, e que representam as bases sobre as quais as regras linguísticas são criadas. Para o segundo Wittgenstein, o significado só pode ser entendido no interior de um contexto cultural, pois a própria linguagem emerge da cultura. As regras linguísticas criadas por uma comunidade são a expressão de sua forma de vida, ou seja, de sua cultura e de sua natureza (e da natureza que os circunda). Por isso, “[...] representar uma linguagem significa representar-se uma forma de vida” (WITTGENSTEIN, 1999, p. 32). Se existe uma essência, isto é, algo de uno e fixo que a linguagem visa expressar, trata-se das formas de vida, cujas principais características (ao menos no que diz respeito à cultura) são justamente a multiplicidade e a mutabilidade (o que nos faz pensar sobre a exatidão da linguagem, que Wittgenstein nos mostra ser inexistente, inalcançável e – o mais importante – desnecessária). Portanto, “O aceito, o dado – poder-se-ia dizer – são *formas de vida*” (WITTGENSTEIN, 1999, p. 203).

No que diz respeito à cultura, fica clara sua importância na criação da linguagem; no entanto, não é tão fácil assumir o mesmo em relação à natureza. Ora, ambas são constitutivas de nossas formas de vida; e embora a natureza (tanto em relação à fisiologia humana quanto em relação ao seu hábitat) seja praticamente a mesma para



todos os homens, ela é tão importante quanto a cultura para a formação da linguagem, ou seja, enquanto base sobre a qual esta é erguida. As características naturais dos homens, as regularidades em seu comportamento e as regularidades do meio em que vivem determinam se as regras linguísticas por eles criadas lhes servem, ou seja, se elas são adequadas à sua forma de vida – mas não determinam a criação das regras, portanto Wittgenstein não é um “naturalista”. Um bom exemplo sobre isso nos dá o próprio Wittgenstein:

Apenas em casos normais o uso das palavras nos é claramente prescrito; não temos nenhuma dúvida, sabemos o que é preciso dizer neste ou naquele caso. Quanto mais o caso é anormal, tanto mais duvidoso torna-se o que devemos dizer. E se as coisas se comportassem de modo totalmente diferente do que se comportam de fato – e se não houvesse, por exemplo, a expressão característica da dor, do terror, da alegria; se o que é regra se tornasse exceção e o que é exceção, regra, ou se as duas se tornassem fenômenos de frequência mais ou menos igual – então nossos jogos de linguagem normais perderiam seu sentido. – O procedimento de colocar um pedaço de queijo sobre uma balança e fixar o preço segundo o que marca o ponteiro perderia seu sentido, se acontecesse frequentemente que tais pedaços, sem causa aparente, crescessem ou diminuíssem repentinamente (WITTGENSTEIN, 1999, p. 72).

Não há, no entanto, uma natureza fixa, nem mesmo no homem, pois tanto os fatos quanto nosso conhecimento deles mudam; consoante a isso não é possível dizer que haja uma natureza humana única, que nos diferencia dos outros seres vivos. Assim, quando Wittgenstein diz que “Se um leão pudesse falar, não poderíamos compreendê-lo” (WITTGENSTEIN 1999, p. 201), ele quer dizer que sua forma de vida nos seria extremamente alheia e estranha, mas não essencialmente diferente simplesmente por sua natureza (a forma de vida de animais domésticos, por exemplo, nos seria mais próxima). Além disso, a forma de vida não é determinante para a criação das regras linguísticas, pois, como já dissemos, ela é apenas sua base. São os homens que, em convenção, criam os jogos de linguagem e suas regras. Mas o que são, exatamente, tais jogos de linguagem?

Jogos de linguagem



O jogo de linguagem (em alemão *Sprachspiele*) representa as regras estabelecidas por um grupo de falantes, que constituem a linguagem mesma. Já que a linguagem não se dissocia do meio cultural da qual emerge, não há uma única linguagem, mas diferentes jogos de linguagem. Não somente cada grupo social possui seus jogos de linguagem próprios, como também possuem variados jogos, cada um com uma finalidade. Qualquer grupo de falantes pode criar um jogo novo e se comunicar através de suas regras linguísticas, com finalidades que se norteiam por sua forma de vida. A noção de jogos de linguagem é colocada com muita clareza nesse aforismo das *Investigações*:

Quantas espécies de frases existem? Afirmação, pergunta e comando, talvez? – Há inúmeras de tais espécies: inúmeras espécies diferentes de emprego daquilo que chamamos de ‘signo’, ‘palavras’, ‘frases’. E essa pluralidade não é nada fixo, um dado para sempre; mas novos tipos de linguagem, novos jogos de linguagem, como poderíamos dizer, nascem e outros envelhecem e são esquecidos. O termo ‘*jogo de linguagem*’ deve aqui salientar que o falar da linguagem é uma parte de uma atividade ou de uma forma de vida (WITTGENSTEIN, 1999, p. 35).

A analogia com o jogo é extremamente adequada, por dois motivos: primeiramente, não é possível definir o conceito de jogo abarcando todos os jogos existentes, pois não há entre eles sequer uma característica comum (e aparentemente o mesmo acontece com todos os conceitos) – o mesmo se dá com o conceito de jogos de linguagem. Não é possível definir, portanto, o que são jogos de linguagem, pois não há entre eles características comuns, mas “[...] uma rede complicada de semelhanças, que se envolvem e se cruzam mutuamente. Semelhanças de conjunto e de pormenor. Não posso caracterizar melhor essas semelhanças do que com a expressão ‘semelhanças de família’ [...]” (WITTGENSTEIN 1999, p. 52). Em segundo lugar, embora haja regras nos jogos, não há uma total determinação. Conforme o próprio Wittgenstein (1999, p. 53): “Ele [o jogo de linguagem] não está inteiramente limitado por regras; mas também não há nenhuma regra no tênis que prescreva até que altura é permitido lançar a bola nem com quanta força; mas o tênis é um jogo e também tem regras.” Os jogos de linguagem são criados conforme nossas necessidades práticas, e suas regras nos permitem que nos compreendamos. Cada um, porém, joga à sua maneira, e nada impede que, segundo nossas necessidades, mudemos as regras durante um jogo. Em decorrência



dessas duas indeterminações, a do conceito e a da regra, a indeterminação está sempre presente, mesmo que implicitamente, como possibilidade de qualquer jogo. Entrementes isso não é nenhum empecilho: nos utilizamos da linguagem e ela serve aos nossos propósitos, mesmo não abrangendo todos os casos possíveis. As regras não precisam (e não podem) cobrir todos os casos, mas apenas os casos comuns. Há, obviamente, um sem número de casos não previstos pelas regras dos jogos de linguagem, e por isso os conceitos são “abertos”, admitindo alterações, adições e subtrações conforme seu uso venha a modificar-se.

Mas se as regras da linguagem são indeterminadas e criadas pelas convenções, isso não faz de Wittgenstein um mero “convencionalista”? Não, e justamente por seu conceito de forma de vida. O próprio Wittgenstein se incumbem de responder a esta objeção: “Assim, pois, você diz que o acordo entre os homens decide o que é correto e o que é falso?” – Correto e falso é o que os homens *dizem*; e na *linguagem* os homens estão de acordo; Não é um acordo sobre as opiniões, mas sobre o modo de vida.” (WITTGENSTEIN 1999, p. 98). As regras estabelecidas pelos falantes não podem ser modificadas de modo a se tornarem incompatíveis com sua forma de vida, sendo assim a convenção é apenas a criadora das regras, submetida, no entanto à forma de vida.

Gramática

Wittgenstein utiliza o termo “gramática” em dois sentidos: ele denomina “gramática de superfície” a gramática que se detém nas características imediatamente evidentes das palavras auditivas ou visuais, em detrimento de seu uso geral; algo como classificar as nuvens pela forma (gramática na qual a filosofia tradicional se deteve). Já a “gramática profunda” de uma expressão é seu uso prático num determinado jogo de linguagem. A gramática de um jogo de linguagem é portanto o conjunto de suas regras. É este sentido de “gramática” que é importante para nossa investigação: a partir dele podemos entender melhor o papel central que a linguagem desempenha na filosofia de Wittgenstein. Segundo Barbosa (2008), “Wittgenstein não considera a linguagem simplesmente como um fenômeno ao lado de outros [...] ao contrário, tem-se a impressão que a filosofia da linguagem das PU correspondem, grosso modo, a uma ‘ontologia geral’”. O que ele quer dizer é que os jogos de linguagem, emergindo das



formas-de-vida, constituem todo o sentido, já que não há um “sentido oculto”, como queria a filosofia tradicional. “A *essência* está expressa na gramática” (WITTGENSTEIN, 1999, p. 120), ou seja, os sentidos das coisas se exprimem através da linguagem, e se há algum “sentido oculto”, algo como a coisa-em-si kantiana, trata-se de algo irrelevante, que não tem efeito sobre a práxis e, portanto, carece de significado.

Para Wittgenstein a principal origem dos problemas filosóficos está na má interpretação da linguagem. Os filósofos examinaram a linguagem com base em sua forma, e não em seu uso. “A indizível diversidade de todos os jogos de linguagem cotidianos não nos vem à consciência porque as roupas de nossa linguagem tornam tudo igual”, diz Wittgenstein acerca da gramática superficial (1999, p. 202).

Aqui, a crítica dele à filosofia ocorre em relação à forma da linguagem: apenas ela foi o foco de observação dos filósofos, que por isso mesmo a enxergaram como se fosse uma só, como se possuísse uma essência cognoscível. “Uma imagem nos mantinha presos”, diz Wittgenstein (1999, p. 65). Em vez de buscar uma essência, apresenta-se mais coerente compreender as proposições (por ex.: “toda barra tem um comprimento”, “todas as sensações são privadas”, “o tempo tem uma só direção”, etc.), cuja forma é típica em filosofia, como representações pictóricas da gramática: “Quando Wittgenstein diz que as proposições metafísicas são ‘carentes de sentido’ [...] devemos ter presente a distinção que ele pretende estabelecer: ‘se produz absurdos ao tratar de expressar mediante o uso da linguagem o que deve incorporar-se à gramática’” (FANN 1999, p. 113-114, tradução nossa).

A filosofia, por conseguinte, em grande parte é constituída de proposições gramaticais, ou seja, proposições que versam sobre as regras de um determinado jogo de linguagem como se estivessem versando sobre características dos próprios objetos. Por outro lado, muitas das proposições filosóficas são carentes de sentido pois confundem gramáticas, ou seja, utilizam um jogo de linguagem fora de seu contexto prático – o filósofo isola a palavra de seu uso prático, mas é apenas neste que a palavra adquire significado. “Todo signo sozinho parece morto. O que lhe dá vida? – No uso, ele vive” (WITTGENSTEIN, 1999, p. 129). É por isso que “[...] os problemas filosóficos nascem quando a linguagem entra em férias” (WITTGENSTEIN, 1999, p. 42), e “As confusões



com as quais nos ocupamos nascem quando a linguagem, por assim dizer, caminha no vazio, quando não trabalha” (WITTGENSTEIN, 1999, p. 68).

A metafísica, por exemplo, nas suas formulações, assume a forma do jogo de linguagem científico, como se estivesse elaborando proposições sobre o mundo empírico, quando na realidade pretende-se estar tratando de “objetos” não-empíricos como, por exemplo, Deus ou a alma. Wittgenstein diria que ambos não fazem parte do jogo de linguagem científico, mas do jogo de linguagem religioso, e que portanto tratar de suas “naturezas” com pretensão de verdade objetiva, o que acontece na ciência, não faria sentido.

Referências

- BARBOSA, B. F. A leitura analítica de Wittgenstein. In: DALL’AGNOL, D. (Org.). *Wittgenstein no Brasil*. São Paulo: Editora Escuta, 2008, p. 139-190.
- FANN, K. T. *El concepto de filosofía en Wittgenstein*. Madri: Editorial Tecnos, 1999.
- FOGELIN, R. J. Wittgenstein’s critique of philosophy. In: SLUGA, H. D.; STERN, D. G. (Org.). *The Cambridge Companion to Wittgenstein*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. p. 34-58.
- WITTGENSTEIN, L. *Investigações Filosóficas*. Tradução: José Carlos Bruni. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999 (Coleção Os Pensadores: Wittgenstein).
- _____. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Tradução: Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.